

ARGENTINA

Acordo com o FMI sai antes da reunião de Bogotá

O governo do presidente Raul Alfonsín (foto) e os bancos internacionais credores da Argentina conseguiram chegar a um princípio de acordo, após uma reunião



a portas fechadas, na residência presidencial de Olivos, entre Alfonsín, seu ministro da Economia, Bernardo Grinspan, o chanceler Dante Caputo e o embaixador norte-americano, Frank Ortiz. Segundo informaram fontes ligadas ao governo de Buenos Aires, o país deverá assinar a carta de intenções com o FMI antes da reunião dos países latino-americanos, no próximo dia 14 de junho, em Bogotá.

Hoje, deverão ser divulgados simultaneamente, em Washington e Buenos Aires, os principais pontos da carta de intenções com o FMI, que é o princípio básico de todos os arranjos que serão feitos com os bancos internacionais. William Rhodes, do Citibank, presidente do comitê de bancos credores da América Latina, regressou ontem a Nova York levando uma complexa solução financeira para a questão da dívida argentina.

O governo de Alfonsín fez várias exigências, entre as quais a redução, em um ponto percentual, da sobretaxa de 2,8 sobre a prime rate (taxa preferencial de juros norte-americana) fixada para o empréstimo de US\$ 1,5 bilhão contratado pelo governo militar que antecedeu Raul Alfonsín.

Hoje, os banqueiros deverão analisar esse pedido argentino de redução da sobretaxa sobre o empréstimo de US\$ 1,5 bilhão, e também vão estudar a liberação da parcela de US\$ 1 bilhão desse empréstimo, que está congelada. A Argentina precisa do dinheiro para pagar, antes do final de junho, US\$ 1,35 bilhão em juros atrasados e amortizações de sua dívida externa, que já chega aos US\$ 45 bilhões.

Entretanto, fontes ligadas à área financeira ressaltaram que a Argentina tem obrigações vencidas no valor de US\$ 4,3 bilhões, referentes a 1982, US\$ 2,3 bilhões relativos a 1983 e mais US\$ 4,3 bilhões já vencidos e a vencer em 1984 — cifras que diferem significativamente dos US\$ 1,35 bilhão, apenas, que estão sendo atualmente renegociados, segundo as notícias veiculadas pela imprensa.

Embora as decisões dos banqueiros em relação a juros e libera-

ção de empréstimos estejam diretamente condicionadas à assinatura da carta de intenções com o FMI, o presidente Raul Alfonsín rejeitou enfaticamente as tradicionais fórmulas dos programas de austeridade econômica impostos pelo Fundo, dizendo que cumprirá as promessas que fez, durante a campanha eleitoral, de combater a inflação e honrar os compromissos externos sem, no entanto, afundar o país na recessão econômica.

A presença de William Rhodes na Argentina, durante os últimos sete dias, e as intensas gestões que manteve, levam a crer, segundo observadores, que efetivamente as dívidas acumuladas daquele país não devem somar apenas a pequena quantia de US\$ 1,35 bilhão. A visita de Rhodes coincidiu com espetaculares quedas de títulos bancários na Bolsa de Nova York, oficialmente atribuídas a dificuldades internas do poderoso Hannover Trust. E, embora os analistas econômicos se recusem a vincular as quedas na Bolsa novaiorquina às dificuldades argentinas de afrontar suas dívidas, deixaram bem claro, que, se o governo de Buenos Aires não cumpri seus compromissos, os bancos norte-americanos poderão enfrentar "graves problemas".